



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Pirarucu no Lago

No Plano Piloto, muitos que vieram de outras paragens resolveram plantar as frutas da região na cidade parque. A cidade está pontilhada de amoreiras, jaqueiras, pitangueiras, mangueiras, figueiras, entre outras. Essa iniciativa enriqueceu a experiência cotidiana de morar na cidade. De repente, você pode se deparar com uma amoreira em uma superquadra ou no Eixão.

Certa vez, fui pagar uma conta na L2 Norte, tomei um ônibus no SIG, desci na altura da 103, atravessei os blocos e parei no Eixão. O fluxo de carros estava vertiginoso, passavam voados, em alta velocidade, com o vento mexendo nos cabelos. Fiquei indeciso, encontrei uma amoreira carregadinha de frutas maduras, comecei a catar, me entreti e decidi não atravessar a pista perigosa. Pensei: posso morrer na contramão atropalhando o tráfego, como na canção de Chico Buarque, e o fechamento do jornal. Dei meia-volta e retornei à redação.

Pois bem, situação semelhante à das árvores frutíferas ocorreu no Lago Paranoá. Cada um que chegava quis introduzir na represa artificial os peixes de sua região

ou de sua predileção. No entanto, diferentemente das frutas, no caso dos peixes, as consequências nem sempre são benéficas. Existem espécies exóticas que são predadoras e podem causar problemas.

É esse o caso do pirarucu, peixe originário da Amazônia, que tem sido visto e pescado no Lago Paranoá. Pois, o Ibama autorizou a pesca, captura e o abate do peixe amazônico considerado uma espécie exótica invasora e causadora de desequilíbrios ambientais quando fora do habitat natural. Vale para todas as bacias hidrográficas das quais o pirarucu não é nativo. Ele é um predador que elimina as espécies nativas.

Segundo avaliação do Ibama, nestas

condições, o peixe afeta a biodiversidade, a economia e a saúde humana. Além de a pesca e o abate do animal estarem liberados, os produtos das espécies de pirarucu podem ser comercializados dentro do estado de origem da captura, mas apenas para fins de controle populacional. O animal à venda fora do estado de captura pode ser apreendido pelas autoridades responsáveis.

O decreto informa, ainda, que serão incentivadas campanhas de educação ambiental para esclarecer à população os riscos do peixe à fauna. A pesca esportiva também pode ser fomentada, desde que o pirarucu não seja devolvido ao Lago Paranoá.

No fim do ano passado, o Governo

Federal chegou a divulgar uma lista em que a tilápia figurava como espécie exótica invasora. Mas, depois da reação de produtores, recuou. Se o plantio anárquico de árvores frutíferas no Plano Piloto não teve efeitos nocivos, o mesmo não se pode dizer da disseminação de peixes exóticos no Lago Paranoá.

Os peixes mais pescados são a tilápia, o cará e o tucunaré. Faltam estudos de longo prazo sobre os efeitos das espécies exóticas sobre o meio ambiente. Eles são necessários para a tomada de decisões sobre as políticas públicas na área. Com tantos problemas ambientais, não é mais admissível agir no escuro sem sondagens científicas.

Em 2025, a Floresta Nacional (Flona) de Brasília, em Taguatinga Norte, recebeu 79 mil visitas de quem busca por trilhas que chegam até 36km, caminhadas, acampamentos e conexão com a natureza



A Bica de Lata é uma das paradas obrigatórias



Eucaliptos da Flona de Brasília

Os guardiões da floresta

» BEATRIZ MASCARENHAS

Um paraíso em Taguatinga Norte, a cerca de 25km do Plano Piloto. A Floresta Nacional (Flona) de Brasília é o atual habitat de espécies como o lobo-guará, o tatu-canastra e o tamandua-bandeira. Preservando a biodiversidade de 5,6 mil hectares de Cerrado, a unidade de conservação atrai milhares de visitantes anualmente, em especial pela fauna local e por atrações como o córrego Geladeira e a Bica d'Água.

Apesar de ser querido pela população, o parque tem sofrido com constantes tentativas de ocupação e queimadas criminosas. Somente no ano passado, foram registradas 22 queimadas.

Durante as temporadas de seca, entre maio e setembro, as tentativas de incêndio na região preocupam os profissionais do Manejo Integrado do Fogo da Flona de Brasília. Segundo Hudson Coimbra Felix, coordenador da equipe, são realizadas vigilâncias contínuas por meio de rondas presenciais, “além do uso de tecnologias, como satélites, câmeras e drones, e parcerias com atores locais para comunicação de focos de incêndio”, descreve Felix.

As constantes tentativas de redução da área protegida movem os frequentadores do espaço, que se posicionam a favor da proteção da floresta. “Os ciclistas e pedestres participam ativamente na comunicação e alerta. São os guardiões da Flona”, brinca Douglas de Paula, segurança e ciclista, que há mais de 20 anos abraça a causa.

Goiano, Douglas é morador da região de Taguatinga e frequentador assíduo do parque. “Há 5 anos, eu decidi me voluntariar para auxiliar na proteção ambiental da floresta. Através dos processos seletivos, há dois anos, consegui o cargo como segurança”, conta. Um dos problemas mais recorrentes são as represálias contra a fiscalização. Douglas conta que há tentativas de retaliação contra os SMBUs (Serviços de Meio Ambiente e Biodiversidade) por causa das multas aplicadas a infratores.

Cura

O ciclista Luiz Felipe Lima, 28 anos, frequenta o parque semanalmente desde 2017 e defende a tomada de medidas contra ocupações irregulares, para maior preservação da área, de responsabilidade do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Para ele, o local foi a cura para questões emocionais, como ansiedade e depressão. “Aqui é vida. Um lugar onde milhares de pessoas recarregam as energias. Além disso, muitos

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



As cunhadas Denise Souza Braga e Indira Santiago Braga pedalam na área de conservação desde 2019



O agente do ICMBio Douglas de Paulo atua no parque há 20 anos



O ciclista Luiz Felipe Lima vai ao local semanalmente

animais morrem durante as queimadas. Fiscalizar é preciso”, defende o estudante, formado em Gestão Pública.

Os dados apontam que a conexão entre o público e o parque tem aumentado. De acordo com informações da gestão local, no último ano, foram registradas mais de 79 mil visitas à Flona. Pessoas em busca de trilhas que variam de 6km, 12km, 18km e 36km, à procura de se reconectar com a natureza.

Entre trilhas de terra e rotinas que se

repetem semana após semana, a Floresta Nacional de Brasília virou extensão da vida de Denise Souza Braga, 30 anos, e Indira Santiago Braga, 38. Cunhadas e moradoras de Taguatinga Norte, elas pedalam no local desde 2019 e construíram ali uma relação que atravessa gerações. “A gente é suspeita para falar, porque nossos filhos, com um ano, já andavam de bicicleta de equilíbrio aqui dentro. Faz parte da nossa rotina”, contam. Mais do que um espaço de lazer, a Flona representa pausa, encontro e pertencimento.

Nos últimos meses, o que mais chamou a atenção das duas foram os efeitos das queimadas na área. Segundo elas, as trilhas passaram por mudanças visíveis, com perda de vegetação e impactos diretos na paisagem. “As árvores estão fazendo muita falta”, afirmam. Para as ciclistas, o problema está menos no uso cotidiano da Flona pelos frequentadores e mais em práticas que colocam o espaço em risco, como incêndios provocados por ação humana.

Apesar da melhora na segurança

— com presença de viaturas, especialmente aos domingos —, Denise e Indira apontam que ainda há desafios importantes para a preservação da área. Para elas, o principal risco, hoje, está fora das trilhas: na pressão por ocupações irregulares no entorno da unidade. “As construções estão muito próximas, é complicado, fica esse risco de invadirem mais.”

As duas também defendem mais fiscalização e conscientização, sobretudo, para evitar queimadas causadas por moradores da região. Ao mesmo tempo, fazem questão de ressaltar a importância de manter o acesso gratuito e acessível, como forma de garantir que a população continue ocupando e valorizando o espaço.

Biodiversidade

O crescimento urbano desordenado no entorno da Flona já produz impactos diretos sobre o equilíbrio ambiental da unidade. Segundo o biólogo Bruno Reis Moreira, a principal consequência desse avanço é a fragmentação da mata. “Quando você começa a ocupar áreas que fazem parte do trajeto de animais ou do fluxo hídrico, você passa a isolar trechos da vegetação”, explica o professor dos cursos de Biologia e Biomedicina do Centro Universitário Módulo. Esse processo compromete a continuidade dos ecossistemas e interfere em uma dinâmica natural essencial para a manutenção da biodiversidade.

Na prática, essa quebra de conexão entre os ambientes afeta diferentes níveis da cadeia ecológica. O especialista destaca que a fragmentação prejudica desde a fauna e a flora até os recursos hídricos da região. Ele ressalta que o problema não está nos frequentadores da Flona — que, em grande parte, contribuem para a valorização e defesa do espaço —, mas na pressão por ocupação irregular e no avanço urbano sobre áreas sensíveis. “Pode haver aumento de queimadas, já que o Cerrado já é naturalmente suscetível ao fogo, além de impactos diretos como atropelamento de animais e poluição dos recursos hídricos”, afirma.

Para evitar a degradação, Moreira defende a adoção de medidas estruturais e de longo prazo. Entre elas, a definição clara dos limites de ocupação, com base em planejamento urbano e ambiental. “É preciso delimitar juridicamente quais áreas podem ser ocupadas e quais devem ser preservadas, a partir de um plano diretor”, diz. Ele também reforça a necessidade de fiscalização contínua. “Sem controle efetivo, mesmo as regras existentes acabam sendo desrespeitadas.”